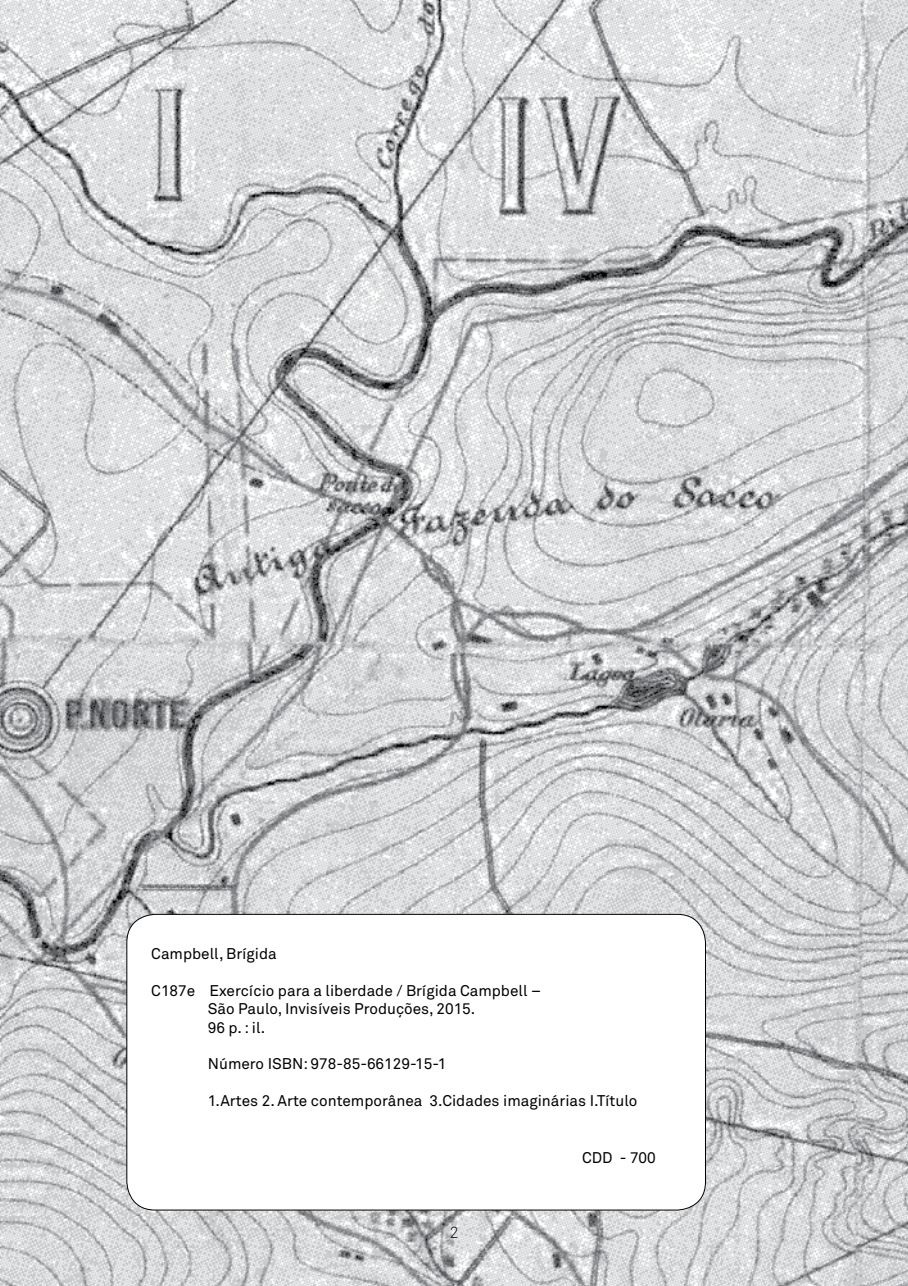


EXERCÍCIO PARA A LIBERDADE

**CONTRA A PRIVATIZAÇÃO DA VIDA
CONTRA A COLONIZAÇÃO DO PENSAMENTO
O PODER DA MULTIDÃO**

Brígida Campbell



Campbell, Brígida

C187e Exercício para a liberdade / Brígida Campbell –
São Paulo, Invisíveis Produções, 2015.
96 p. : il.

Número ISBN: 978-85-66129-15-1

1.Artes 2. Arte contemporânea 3.Cidades imaginárias I.Título

CDD - 700

Brígida Campbell

EXERCÍCIO

PARA A

LIBERDADE



**Invisíveis
Produções**

AGRADECIMENTOS:

Gostaria de agradecer Daniel Lima, Eduardo de Jesus, Francisca Caporalli, Lorena Vicini, Matheus Ferreira, equipe do Memorial e em especial Bruno Vilela e todos os colaboradores do trabalho.



Atribuição-Uso não-comercial 3.0 Brasil
www.creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/br/

Este livro pode ser utilizado, copiado, distribuído, exibido ou reproduzido em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, incluindo fotocópia, desde que não tenha objetivo comercial e sejam citados os autores e a fonte.

ALVITI
ANA PAULA GARCIA
ANANDA MARTINS
BERNARDO RB
BINHO BARRETO
BRUNO VILELA
CAFIRA ZOÉ
CAROLINA ESSELIN
HENRIQUE MARQUES
LARISSA ALBERTI
LUIZA ALCÂNTARA
MATHEUS FERREIRA
NANCY MORA CASTRO
NILA NONATO NEVES
RANDOLPHO LAMONIER
VICTOR GALVÃO
ZI REIS



**EXERCÍCIO
PARA A
LIBERDADE
APRESENTAÇÃO**

EXERCÍCIO PARA A LIBERDADE surge de um desejo de construir um espaço livre para experimentação, trocas sensíveis e poéticas em um grupo com desejo de produzir arte.

Discutir a Liberdade está na ordem do dia, especialmente após um ano bem importante – 2014 – no qual vivenciamos uma série de atentados violentos aos direitos humanos, no Brasil e no mundo. Quando assistimos também à privatização de espaços públicos e à tentativa de massacre das formas de viver que se diferem a lógica predominante.

Neste cenário, a arte pode ser pensada como estratégia de produção de conhecimento livre e sensível, em espaços produzidos por meio de uma perspectiva capitalista, mas, mesmo assim, cheios de potência e frestas, característica por essência do espaço público: lugar do encontro de diferenças, liquidificador de gente.

Este livro é o resultado do trabalho “EXERCÍCIO PARA A LIBERDADE”, desenvolvido em Belo Horizonte nos meses de setembro e outubro de 2014. A proposta do trabalho surge do incômodo muito grande com a presença corporativa no meio das artes. Em especial o “Circuito Cultural Praça da Liberdade”, em BH, no qual prédios públicos foram cedidos a empresas para desenvolverem seus centros culturais, mas que funcionam muitas vezes como espaços publicitários. As corporações ocupam um espaço de grande importância simbólica para a cidade de Belo Horizonte e implantam ali um imaginário empresarial sobre suas atividades, omitindo todas as complexidades negativas. O Estado, assim, abre mão de sua política pública e repassa ao interesse dos empresários esta função. A Arte e a Cultura são ali usadas como agentes que promovem a empresa e mascaram as relações de poder e as graves consequências das atividades por elas exercidas, como a mineração, por exemplo. Desenvolvido na galeria do Memorial Minas Gerais Vale, dentro da exposição coletiva Símio, o trabalho realizado teve como objetivo elaborar uma crítica de dentro pra fora.

A dinâmica para a construção do “Exercício para Liberdade” consistiu em uma chamada pública para a formação de um coletivo. O encontro desse grupo se deu em três reuniões temáticas em que a parte da manhã era uma aula aberta e a parte da tarde um ateliê de produção. No decorrer do período expositivo, as paredes foram ganhando imagens, textos, desenhos, esquemas e outros objetos. Os temas dos encontros foram: **“contra a privatização da vida”**, (para conversar sobre os mecanismos sutis de dominação e as consequências da intervenção corporativa no nosso cotidiano e no espaço público); **“contra a colonização do pensamento”** (para desvendar as estratégias de poder vigentes que criam sistemas de dominação complexo sobre o imaginário, desejo e pensamentos) e **“o poder da multidão”**, (sobre uma voz de resistência que forma uma importante estrutura política, nomeada de Multidão por Michael Hardt e Antonio Negri).

A produção coletiva sempre esteve no escopo dos meus trabalhos, pois ao trabalhar em grupo os desejos são multiplicados e uma potência viva deste “estar junto” é construída, mobilizando e multiplicando as vozes em torno da questão. Um grupo formado por uma maioria de estudantes, então, esteve junto durante um mês conversando, criando e produzindo em torno do tema **Liberdade**.

Esta publicação foi assim, contruída a partir desses encontros, conversas e trocas. Espero que ela seja um meio de colaborar e instigar o “exercício para a liberdade” dentro de cada um.

Território Privatizado



MAPA DA PRAÇA

da Liberdade



CONTRA

PRIVAT

DAVIDA

AA
ZIZAÇÃO
A

| INDICATIVO | | CONJUNTIVO | |
|------------------------------------|--|-------------------------|---|
| Presente | falo falas fala falamos falais falam | Presente | fale fales fale failemos faileis failem |
| Pretérito imperfeito | falava falavas falava falávamos faláveis falavam | Pretérito imperfeito | falasse falasses falasse falássemos falásseis falassem |
| Pretérito perfeito | falei falaste falou falámos falastes falaram | Futuro imperfeito | falar falares falar falarmos falardes falarem |
| CONDICIONAL | | CONDICIONAL | |
| Pretérito mais-que- perfeito | falara falaras falara faláramos faláreis falaram | Presente | falaria falarias falaria falaríamos falaríeis falariam |
| IMPERATIVO | | IMPERATIVO | |
| Futuro imperfeito | falarei falarás falará falaremos falareis falarão | Presente | fala tu falai vós |
| INFINITIVO | | INFINITIVO | |
| Impessoal | falar | Pessoal | falar falares falar falarmos falardes falarem |
| | | Gerúndio | falando |
| | | Particípio passado | falado |

| INDICATIVO | | CONJUNTIVO | |
|------------------------------------|--|-----------------------------|---|
| Presente | falo fales fale falimos falís falem | Presente | fala falas fala falamos falais falam |
| Pretérito imperfeito | falia falias falia falíamos falieis faliam | Pretérito imperfeito | falisse falisses falisse falíssemos falísseis falíssem |
| Pretérito perfeito | fali faliste faliu falimos falistes faliram | Futuro imperfeito | falir falires falir falirmos falirdes falirem |
| Pretérito mais-que-perfeito | falira faliras falira falíramos falíreis faliram | CONDICIONAL | |
| Futuro imperfeito | falirei falirás falirá faliremos falireis falirão | Presente | faliria falirias faliria faliríamos faliríeis faliriam |
| INFINITIVO | | IMPERATIVO | |
| Impessoal | falir | Presente | fale fali |
| Pessoal | falir falires falir falirmos falirdes falirem | Gerúndio | falindo |
| | | Particípio passado | falido |





Privatizar, cuja origem da palavra vem do latim *privare*, quer dizer roubar. Significa tornar algo que é público ou comum em algo com um dono. Retirar a potência pública, coletiva para atender ao desejo de lucro e a vontade de um pequeno grupo. E por que a Liberdade está ligada a privatização? A Liberdade não é uma coisa em si, ela está ligada sempre a ação. A Liberdade está totalmente subordinada a fatores determinantes, como as leis, regras, normas de conduta morais e outras formas de controle social, e é dentro dessas normas de conduta que criamos e produzimos nossa liberdade.

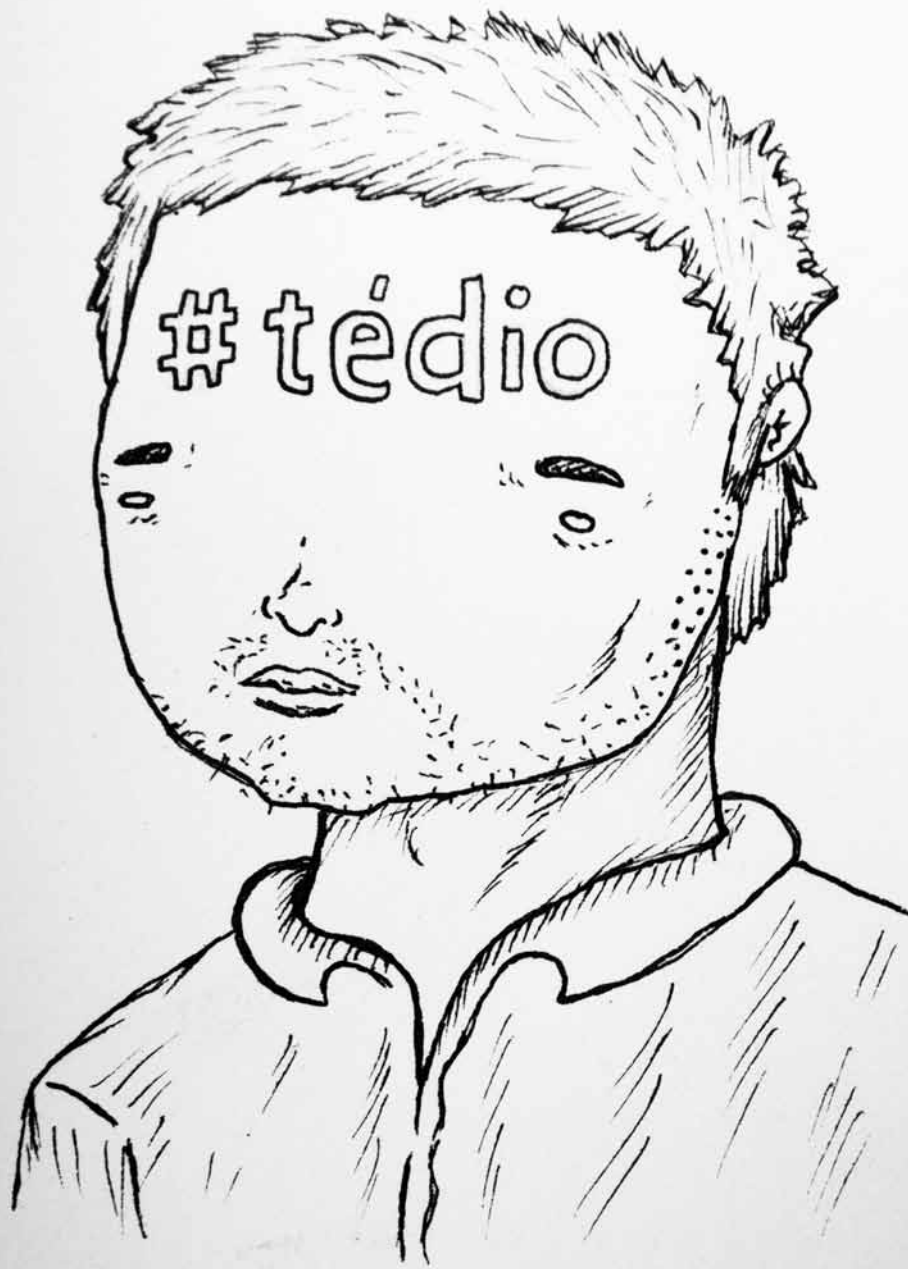
Nossa primeira liberdade é a de agir, que está ligada as nossas escolhas cotidianas. Nosso direito de ir e vir. Mas essa liberdade de escolha depende necessariamente da quantidade de oportunidades disponíveis. Ou seja, quanto mais possibilidades, mais livre eu posso ser. Dependendo da sua classe social, a liberdade fica sob ameaça: se não há possibilidade de escolha – ou mesmo de mobilidade –, não há liberdade. Até mesmo a liberdade de pensar – definida pelas condições socioculturais, fatores e morais e repertório cognitivo – é condicionada à forma pela qual aprendemos a pensar. Pensamos apenas a partir das coisas que conhecemos. Seria possível conjecturar um pensamento diferente do que estamos programados a pensar? Também temos a liberdade de querer. Vale destacar que o ser humano é um ser desejante e é o desejo que nos move. Porém a sociedade de consumo transformou o que seria o desejo nos nossos corações em desejo de consumo. Desejar no mundo capitalista é não ter. O desejo é de suma importância para nós, pois é da potência do desejo que nasce a potência da ação. Mas como transformar o desejo se ele está já capturado/ privatizado? E a lista de desejos que recebemos já está escrita? A nós é vendido o tempo inteiro maneiras de ver e sentir, de pensar, de perceber, de morar, de vestir. “O fato é que consumimos muito mais do que bens materiais, consumimos formas de vida. Por meio dos fluxos de informação, imagens etc., absorvemos maneiras de viver, sentidos para a vida, consumimos subjetividades”¹. O atual modelo de capitalismo transformou-se em direção a outras formas de atuação, que, por meio das mídias, da propaganda e da Cultura, penetra em nossos desejos mais íntimos. Este novo capitalismo em rede, privatizador da vida, que fortalece as conexões e estimula

a movência, a fluidez, produz assim novas formas de exploração e exclusão e penetra em todas as moléculas de sua vida (literalmente, já que há muitos processos de privatização genética, patenteamento de microorganismos, de plantas, de sequências de genes etc.). Esse controle invisível se materializa no dia a dia e controla as populações promovendo a vida em controle e mantendo a população dócil.

O Estado/Capital transforma as “pessoas” em meros “trabalhadores”. Não é mais apenas o corpo que trabalha, mas é principalmente a mente e a alma que trabalham, pois os serviços exigem cada vez mais que as pessoas sejam criativas e envolvidas 24 horas por dia, sete dias por semana. A sua vitalidade cognitiva e afetiva é posta para trabalhar. A força da invenção é hoje um dos principais valores para o mercado. A potência de invenção não é privilégio de artistas ou pessoas do meio criativo, mas é uma força presente em todo mundo. Então, as pessoas entram em um fluxo produtivo escravizante, no qual é necessário trabalhar o tempo todo para se pagar a dívida. Ficamos assim reféns do processo econômico, com as vidas reduzidas e a liberdade ameaçada. A vida privatizada passa a ser guiada pela lógica empresarial e corporativa, que naturalmente visa apenas o lucro, independente dos impactos sociais dessas ações.

Por isso, neste contexto a produção da Liberdade é uma ação ativa, não passiva. Nós precisamos produzir a liberdade quando nos sentimos aprisionados pelos sistemas de controle. Importante ressaltar também que só existe liberdade em contato com o outro, em relação ao outro. A busca da autonomia ou da independência em si é uma busca esvaziada. Pois não poderíamos pensar em uma vida livre sem a interlocução. Autonomia não é a mesma coisa que egoísmo. Liberdade sugere uma aproximação com o mundo. Se imaginarmos um mundo onde não existe mais ninguém, onde estamos sozinhos, a ideia de liberdade já se perde. É importante pensar também que construímos a sociedade que nos constrói, em uma relação circular de causa e efeito.

1. PETER, Peter Pál. *Vida Capital*. Iluminuras: São Paulo, 2011, p.20



#tédio

5

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

It is 10 o'clock, and I shall must now be turned out of the Café, and will go and doze on my luggage, probably until Dawn.

I shall dream happily



deaf and dumb since birth

deaf and dumb since birth

DEAF AND DUMB SINCE BIRTH

deaf and dumb since birth









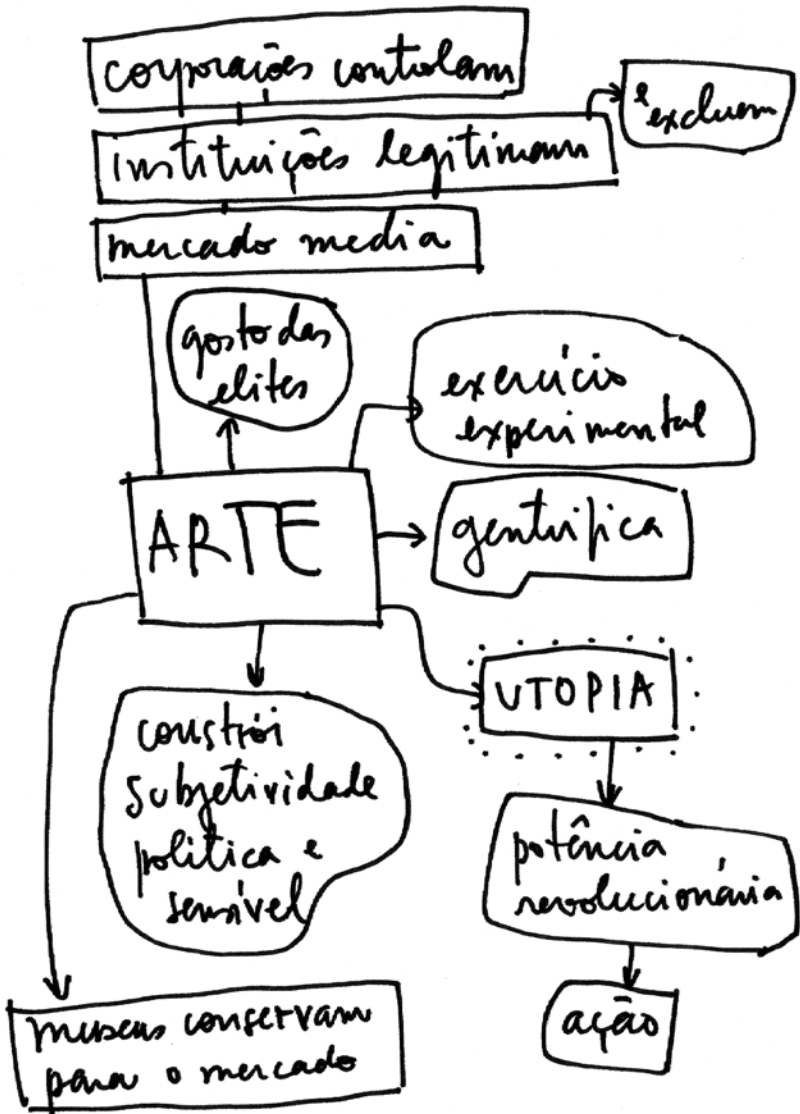


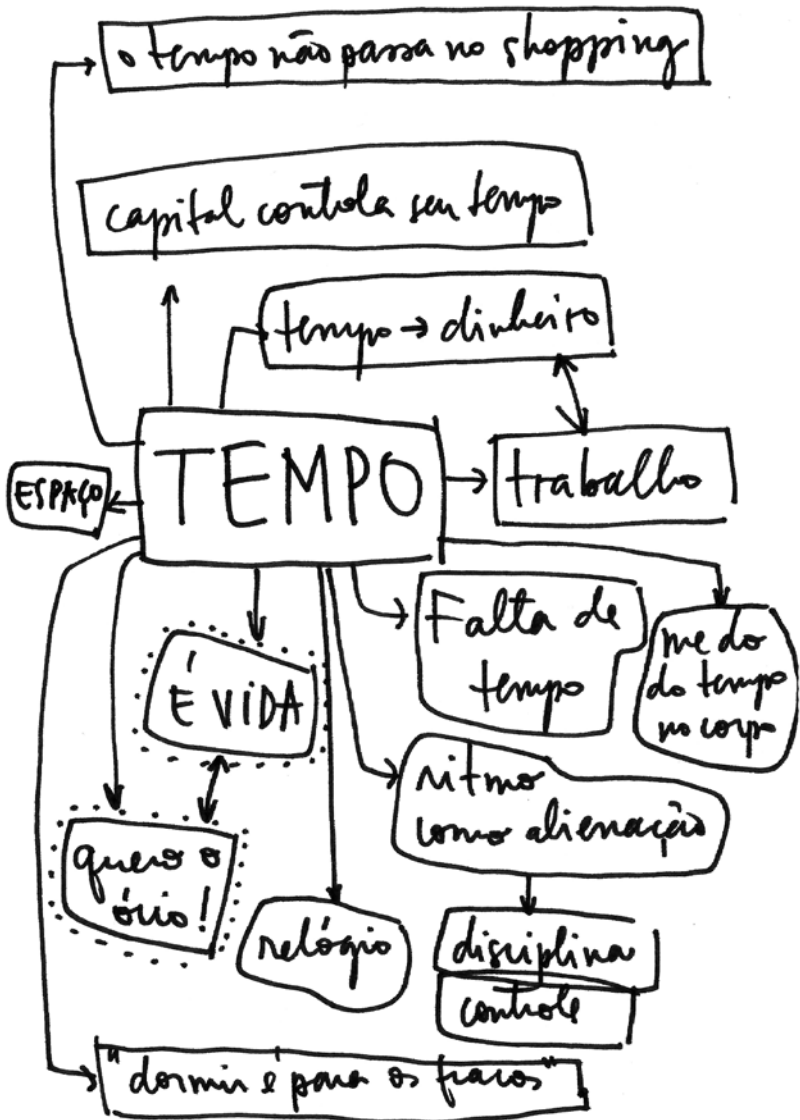




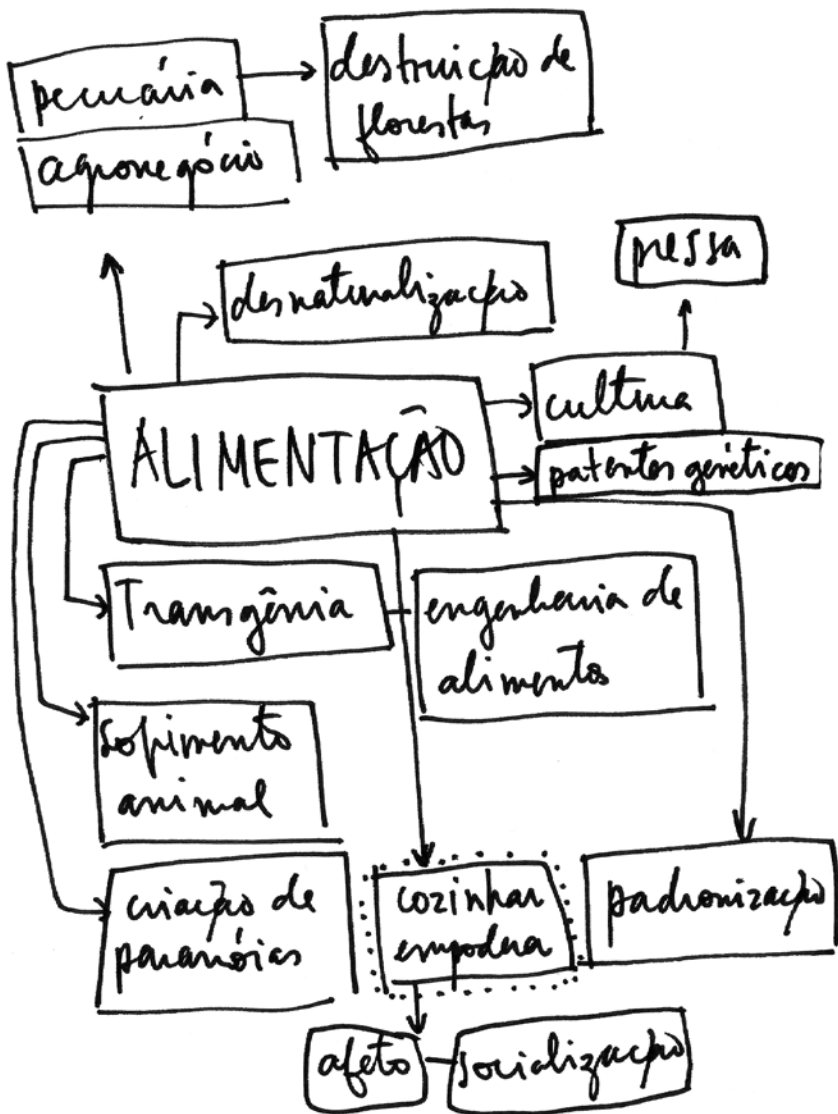
PEQUENA
CARTOGRAFIA DA
PRIVATIZAÇÃO DA
VIDA.

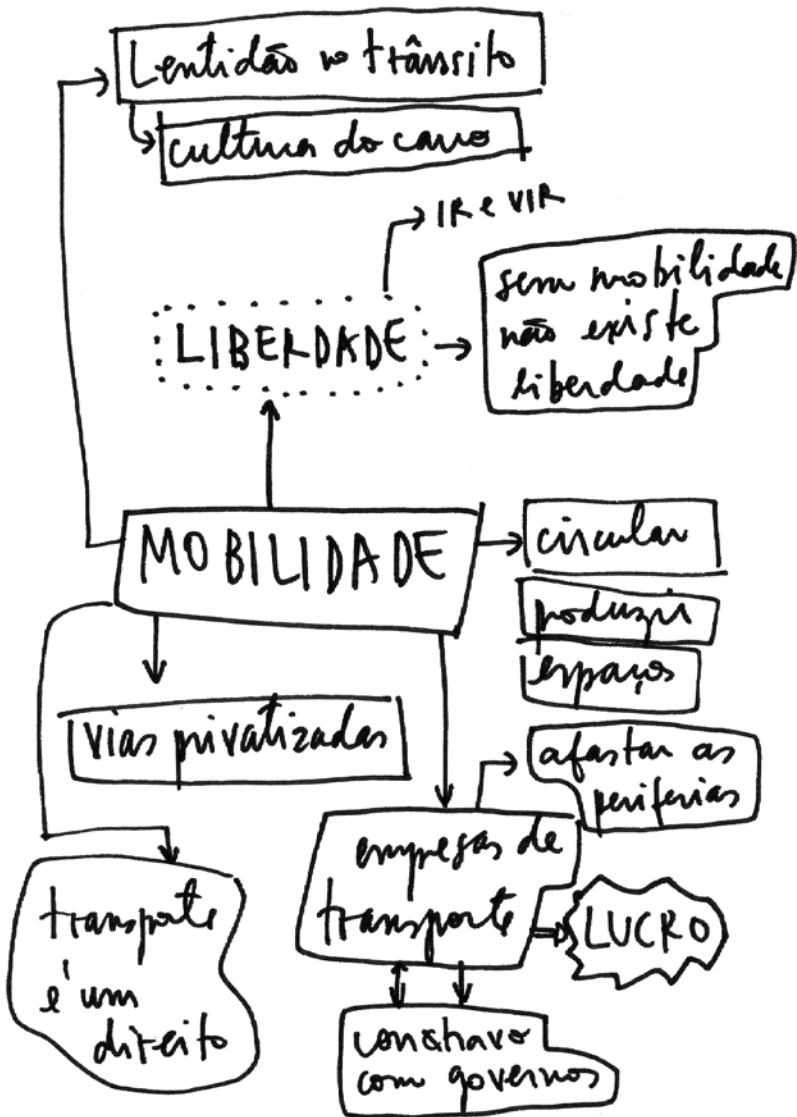








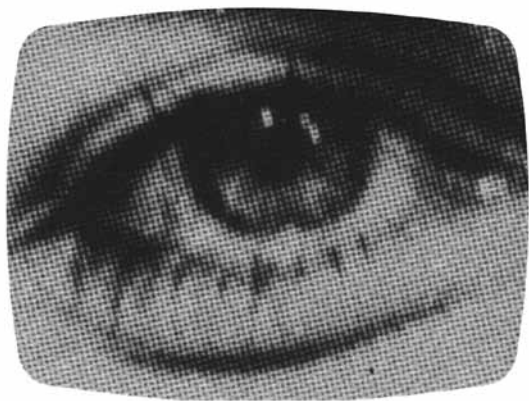












CONTRA

COLONIZA

PENSAMI

A

AÇÃO DO

ENTO

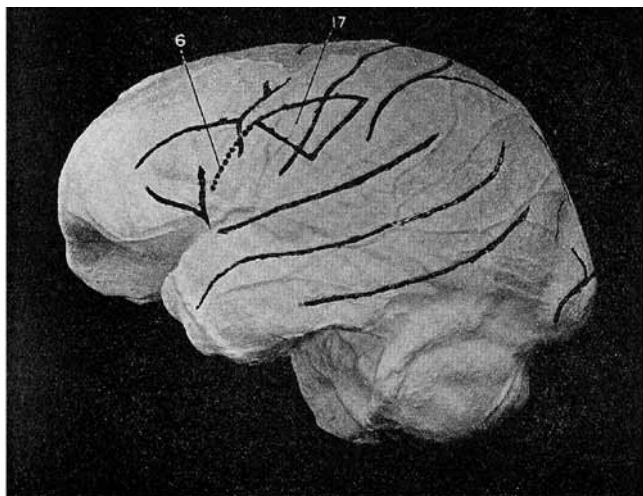


Fig. 7. To show the site of injury to the brain in No. 6 (dotted line) and in No. 17, cases of Verbal Aphasia.

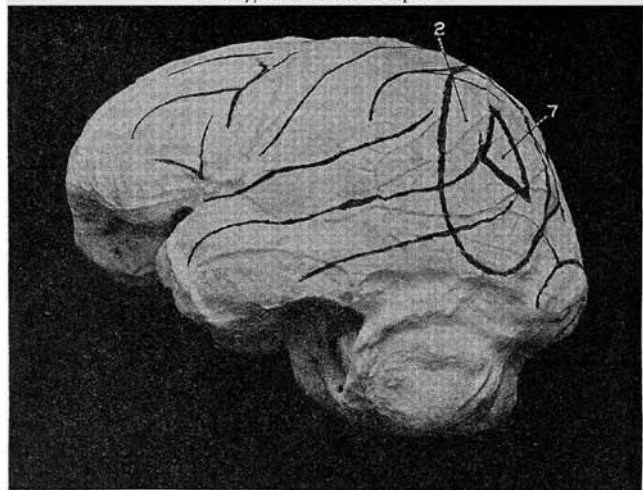


Fig. 10. To show the site of the injury to the brain in No. 2 and No. 7, cases of Nominal Aphasia.

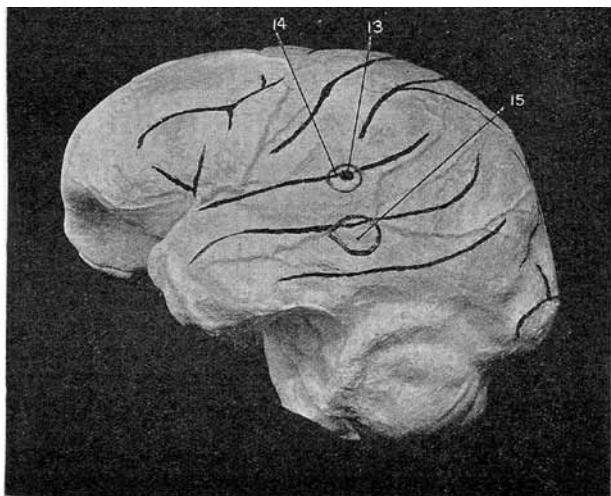


Fig. 8. To show the site of the injury to the brain in No. 13, No. 14 and No. 15, cases of Syntactical Aphasia.

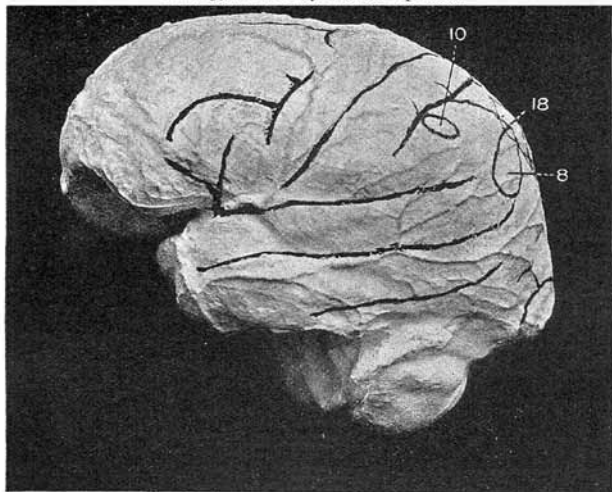


Fig. 12. To show the site of the injury to the brain in No. 8, No. 10 and No. 18, cases of Semantic Aphasia.

Nossas subjetividades estão capturadas pelas formas de controle do Capital. O que sentimos, o que desejamos, o que imaginamos é o resultado de uma relação que se dá de dentro pra fora numa forma contínua entre o que o somos e as imagens que o mundo em volta nos oferece. Para criar é necessário antes imaginar: até mesmo um projeto simples precisa antes ser sonhado, ser construído na imaginação para poder tomar forma no mundo material. Nossa capacidade de criar e de perceber o mundo está subordinada ao tipo e à natureza de imagens a que estamos expostos. Imagem, neste caso, podem ser entendidas também como paisagem e ambiente. Imagem como tudo que é visto. Logo, quanto mais imagens, mais imaginação. Quanto mais a mente é desafiada a pensar de maneira diferente, mais é possível produzir ações e pensamentos diferentes.

Nosso cenário, porém, é imagético e constituído por imagens produzidas e difundidas por um capitalismo que captura e homogeniza, padronizando as formas de percepção. Assim, faz-se necessário pensar o papel da Arte neste lugar complexo de privatização das instituições e do imaginário cultural vigente. Pois a Arte também pode ser uma ferramenta de exercício do poder, de gentrificação e de dominação.

As empresas se acoplam aos sistemas culturais com apoio dos Estados, em um sistema de troca de favor, no qual o Estado repassa para as empresas, a responsabilidade da política de produção cultural e por consequência a política de produção simbólica. Assim as empresas acabam por imprimir sua lógica empresarial e suas “visões” (com algumas exceções) em instituições que são teoricamente públicas, criando muitas vezes “museus de causa própria”.

Associada ao capital cultural da Arte, as instituições ganham reconhecimento e distinção. Passam a ter a capacidade de criar as regras do sistema, fortalecem os sistemas de legitimação e circulação da arte, direcionando ao público as mensagens/ imagens que lhe são interessantes. Em geral, nestas instituições a Arte é tratada como entretenimento ou mera propaganda. No caso

específico da Praça da Liberdade em Belo Horizonte (também conhecida irônica e como Circuito Empresarial Praça da Liberdade), vemos a ocupação corporativa de um dos pontos simbolicamente mais importantes da cidade, com espaços de cultura publicitários por natureza e que omitem todos os graves problemas em torno das ações dessas empresas, em especial da mineração.

Diversos artistas e movimentos questionaram (e questionam) esse lugar institucional da Arte, em busca da criação de um novo paradigma. Esse é um processo histórico que vem desde as vanguardas, com artistas se recusando a participar de processos seletivos em salões e criando suas próprias exposições nos ateliês, ou como por exemplo, a reivindicação Dadaísta de uma arte livre e despreziosa, descolada dos poderes, impressas em revistas, encontros, ações e obras que fugiam ao caráter objetual da arte, na tentativa de ser criar algo que não poderia ser apreendido pelo mercado. No Brasil também artistas icônicos como Cildo Meireles, Hélio Oiticica e Lygia Clark (e muitos outros) buscavam uma arte/experiência livre, conectada com o cotidiano e diluída na vida.

A política na Arte está no ativismo político, nas relações com os movimentos sociais e na militância, mas está principalmente na capacidade de produzir novas formas de percepção sensível do mundo. Ao ver uma produção que se diferencia das formas de leitura do mundo institucionalizadas, a Arte pode nos levar a explorar nossa sensibilidade para caminhos não binários, não fascistas, não hegemônicos. A potência política aqui está no poético e na potência da construção de outros imaginários possíveis.



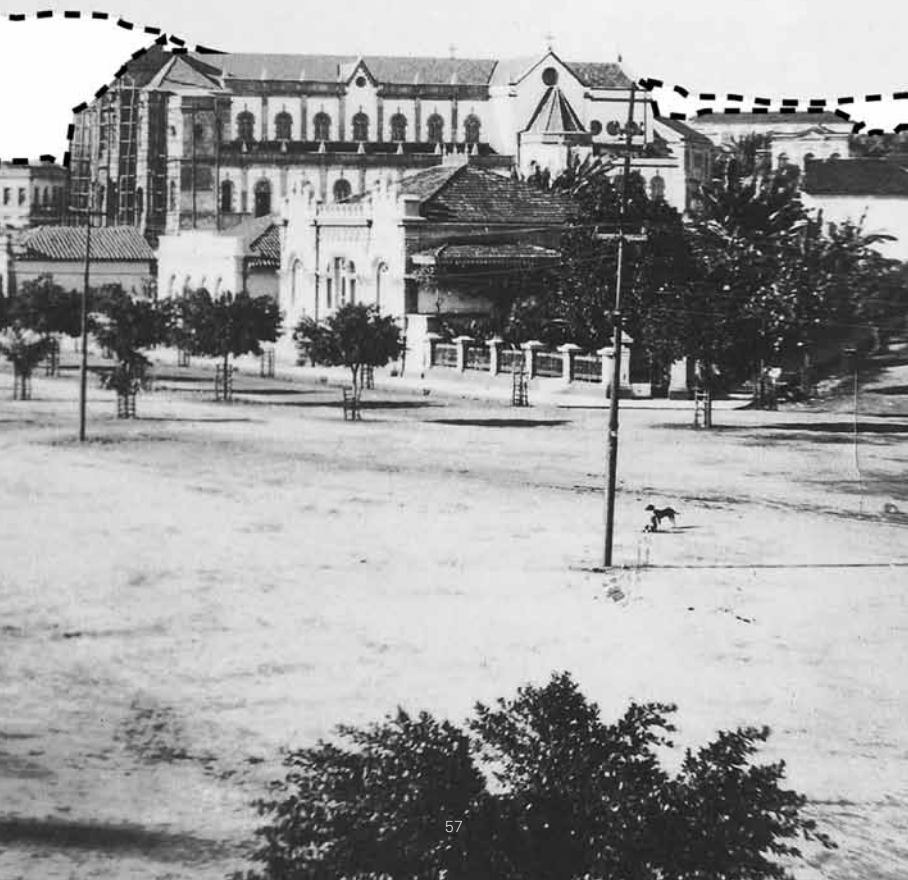


Pede-se: Seja livre dentro do espaço em que possamos te ver.













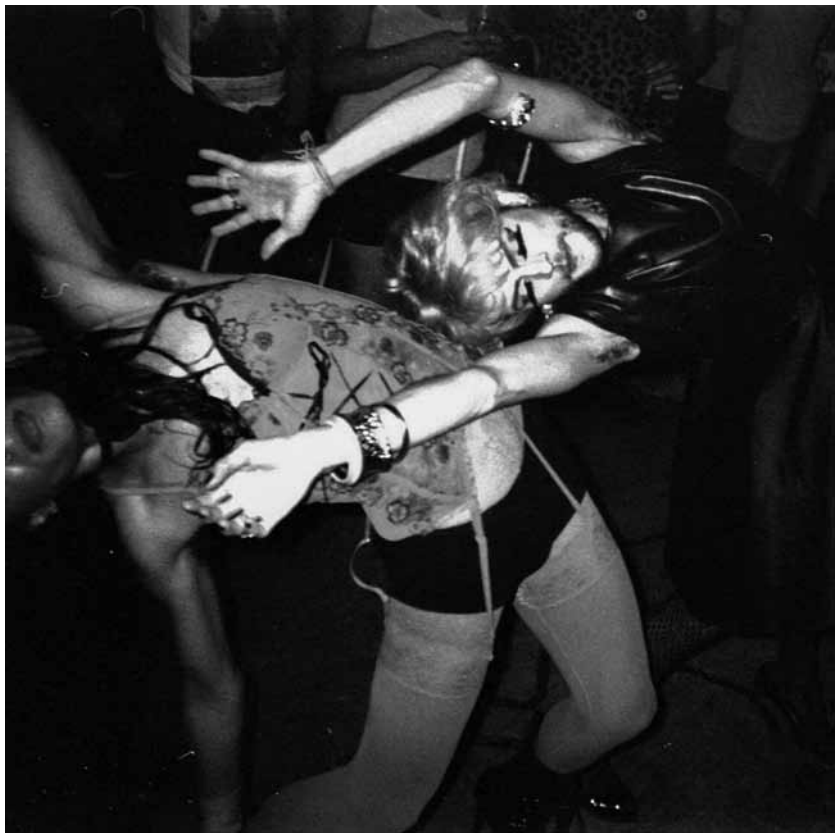














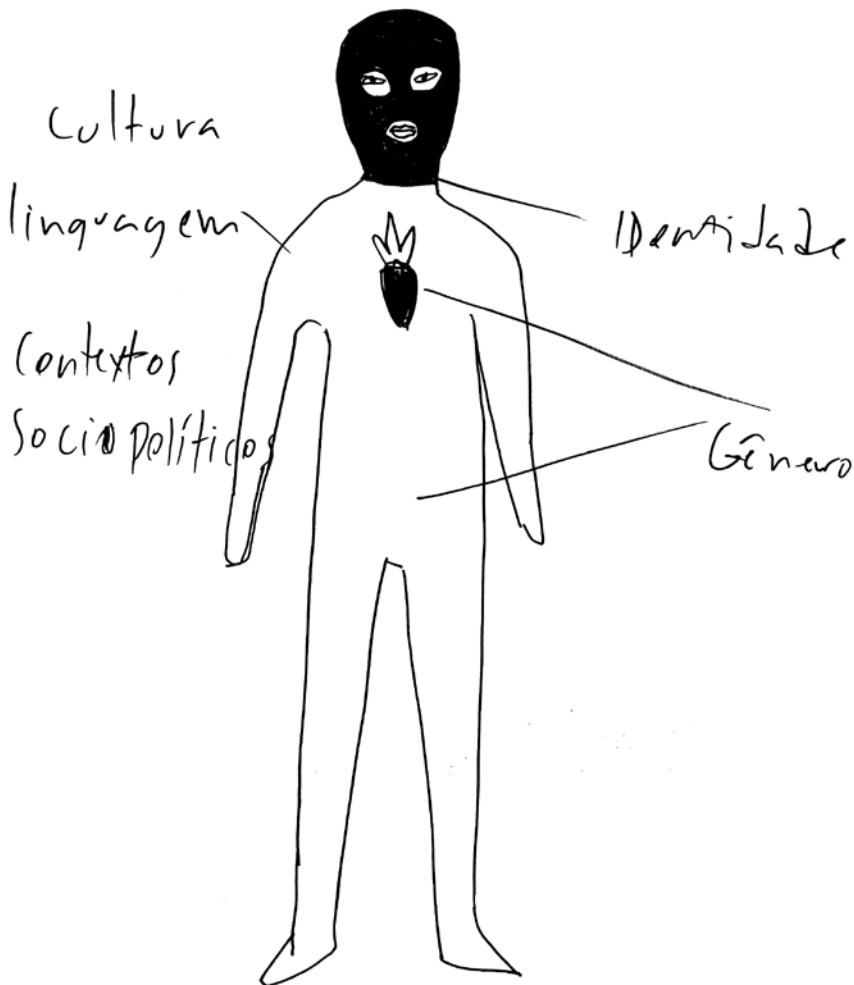


Silêncio faz esperar

**Inalcançável ultrapassa
as entrelinhas**

**Absoluto que faz o
significante se calar.**

Corpo como Território Político





ESTATUTO DA DESOBRIGAÇÃO PERENE
Cafira Zoé

.1.

Desobriga o teu corpo, a tua mente e
o teu sexo
das formas e caixas biométricas

.2.

Desobriga o teu desejo
do outro

.3.

Goza

.4.

Desobriga a língua, a fala e o gesto
Das 8 horas diárias.

.5.

Desocupe 40 horas semanais
de toda obrigação enlatada

.6.

Todo ócio será apreciado

.7.

Respira

.8.

Desobriga o afeto,
a palavra e o verbo
de todo pré-conceito embutido

.9.

Experimenta
a arte, um muro, a rua

.10.

Grita

.11.

Desobriga-te do peso da falta
de tempo, de gente, de acaso

.12.

Encontra

.13.

Ocupe-se da partilha
do amor, da grana e do pão

.14.

Desobriga-te da censura
da ordem
alivia o medo, a angústia
e a fome

.15.

Resiste

.16.

Todo capitalismo será
contornado





O PODER

MULTID

R DA

ÃO





Se Biopolítica é a exploração da vida e do corpo pelo Estado/Capital, a Biopotência vem da força do coletivo. “A Biopolítica não mais como o poder sobre a vida, mas como potência de vida.”¹ Pois há sempre uma força em resposta: se há dominação, há também a insubordinação.

A ideia de Multidão surge a partir de mudanças estruturais nas formas do capitalismo. Multidão² não é Povo (que está sempre ligado a um estado/nação), não é Massa (está ligado ao consumo, e a ideia de cultura de Massa, consumo em massa). A Multidão seria um conjunto de singularidades, não homogênea e com inúmeras vozes. É um agente ou sujeito coletivo que pode agir em comum, unitariamente, com a simultânea manutenção de suas diferenças internas. Podemos dizer que a Multidão se caracteriza, por funcionar em rede e valorizar as conexões, com participação horizontal, rizomática, baseado na troca de experiências, no copyleft, na capacidade de mobilização, na luta por direitos, no ativismo político livre de partidos, na busca da constituição de uma nova ontologia do ser, um novo mundo, um novo homem: o ser em comum, a busca pela liberdade e a emancipação, o uso livre do mundo e o amor como projeto político.

A Multidão deseja a criação de novos paradigmas, novas propostas para transformar as subjetividades controladas. A produção da verdade como uma potência criativa coletiva. Na construção de contra-poderes e na construção de uma liberdade coletiva.

Neste novo contexto, seria interessante pensar e propor também uma nova Arte envolvida e conectada com essa com as lutas por liberdade na contemporaneidade. Criar uma Arte livre, como exercício simbólico de construção da autonomia e da sensibilidade. Produzir arte livre das formações do mercado, livre das estruturas de poder elitizadas.

Produzir Arte, como afirmava Mário Pedrosa, como um EXERCÍCIO EXPERIMENTAL DE LIBERDADE. Para ele, o artista só pode cumprir seu papel social se tiver liberdade para buscar na força expressiva da forma a possibilidade de reeducação da sensibilidade do homem, de modo a fazê-lo transcender a visão convencional, obrigando-o a enxergar o mundo com outros olhos e, assim, mudar o destino das coisas.

Arte para descolonizar as mentes,
construir subjetividades livres,
imaginários políticos/sensíveis. Ética
e Estética como forma equilibrada de
promover a vida em comum. A beleza
como meio de se chegar a liberdade.

1. PETER, Peter Pál. *Vida Capital*. Iluminuras: São Paulo, 2011, p.25

2. Sobre o conceito de Multidão ver: HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Multidão: guerra e democracia na era do império*. Rio de Janeiro: Record, 2005.











"Amor
de la
esse
Nido
com
apud
As
Loma
& p
Nai
nula
esse







“Só o rosto é indecente. Do pescoço para baixo, podia-se andar nu” Nelson Rodrigues

**Compartilho do
chão do persa
Tapete da Terra**

**O chão não é do lixo
É dos vivos.**

R0`3Pj9f~c`NEe_Eo*qkee*kgRtqhspek0` ` ;b
o\2waRtxiW|o7ok<nqYuNnräp[tk>NlA.t`wq/c
m3=h<B_cfYnw]fu`gxZmfWl@]j>g_`^@n<1i&L
h_<yq0uhIqj`nNek/
ygpâ_j~eGin0bkKfuihãjiâg]rj>le.s_Et`euk

nBwwcwhvv@uu0imKfPcl7ekKbeq_a|ldtehmki
;yiVaIqB6j(\k Ah6{eZldygjvbsMbu0hmGnihg
liqjhicfIek5ioMgmofguncWrb:ga0qcfnhKgn=
>pf\f~vKvg7<0:+(NW`_T~e-pc?lamn`yd^pfc
grbnigbgjGol/tm8Yk[8onBÄpbÜrmompGdu-
Bz[@Zic.lZ2e;]cKoayqZê~Xz}^Gka!e`#naFsj
omgreowgbvm?po5nnRmdi\H`?/
4os7o1VnèdjiafCfb(ta'ÉaJbid`Y>bB0jSKul
gk{^e?^k0_CKe>giakgsqclmeoCkx&nxAlnmiE
Z~B<rM@Ek\(rI/l2LgKeqkjirekjjzaâczâjEv
eZ5e0i_arte é comunicação ks!lzClã\lè_o
rqNj|[dãab|]hTSzMOàiPÄuNbr>Dr#AsXugw)ez
?r"Es#ey?t}NqMnÄHloGm0Ko:0oANsZnrzMjèNg
j|/g|0jvTvs0Atlyd5hT!a].esDk~Hr|FnyKWv
KL~Lg}PoRqm0tOP\ROikP~vRtVSvW?zTZ}Rm|X
KnxKguMhsKpz>q|+V_\$1?
KJ@wLNVklj:qS iz"qvCrjW}MTxY0]uP>xRAwWd
QmvDm]+jTbj_~\$d~Ag{Nk}LsMi~QLw0LuNf{I[]
Ce+aMFuS<um sw,quHowNqzMp~HUà0?é
Hs(cyGnuTmsRnrLlt7jxh}i~pzqukx;j|Pq}Qyx
hÜ@rá&ty)rvBqãNqc?rh#qYpo:pzWyraägZÄwTV
vv=JtCy)^AHkÄMqâE6DÄÄ0wSTzR9Arv{2iyTi~X
ecEJ048S8>i0YrcxsWáx/Çzo{Z|0T|PawWdsNMw
91

**a Maria João tem um sentido de
estar junto sem me conhecer.
achei tão bom ter alguém me**

esperando do lado de fora da fila.

**ultimamente eu tenho estado
cada vez menos calado e mais
junto dos outros, mas**

**distante, sem ter que destroçar
nada.**

**sinto-me estranho num a priori de
que todos têm que sorrir.**

CONSERTAM-SE

corações partidos



7777-7777

GA

CONCEPÇÃO
ORGANIZAÇÃO
PROJETO GRÁFICO
TEXTO
Brigida Campbell

REVISÃO:
Lorena Vicini
ARTE FINAL:
Matheus Ferreira

COLABORAÇÃO NA
ELABORAÇÃO DO TRABALHO
Bruno Vilela

www.brigida.redezero.org
brigidacampbell@gmail.com

CRÉDITOS DAS IMAGENS/TEXTOS:

Alviti: 86, 87, 88, 89,

Ana Paula Garcia: 02, 54, 55, 56, 57, 95

Ananda Martins: 74, 75

Bernardo Rb: 92

Binho Barreto: 21

Cafira Zoé: 71, 72, 73

Carolina Esselin: 68, 90

Henrique Marques: 16, 17, 53, 58, 59

Larissa Alberti: 93

Luiza Alcântara: 78, 79

Matheus Ferreira: 32, 43, 91

Nancy Mora Castro: 50, 51

Nila Nonato Neves: 26, 27, 28, 29, 30, 31, 82, 83, 84, 85

Randolpho Lamonier: 6, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 70, 92

Victor Galvão: 14, 15, 22, 23, 24, 25, 46, 47

Zi Reis: 60, 61



Receba esta e outras publicações. Curta
www.facebook.com/invisiveisproducoes
invisiveisproducoes@gmail.com

> **Invisíveis Produções** é um centro de criação, ação e reflexão que trabalha na intersecção entre arte e política. A Invisíveis Produções opera de forma autônoma, transversal e horizontal. Autônoma na maneira de movimentar-se, criando diferentes diagramas e vínculos institucionais sustentando sua independência de pensamento. Transversal na maneira de coletar e reunir uma reserva crítica de vozes dissonantes. Horizontal na forma de produzir e compartilhar livremente o conhecimento em livros, filmes e projetos culturais.

> Conheça e baixe nossas publicações em issuu.com/invisiveisproducoes

> Para contato escreva para invisiveisproducoes@gmail.com

A topographic map showing contour lines, a river, and a road. The map is labeled with 'XI' in the center, 'Carreje de Pintinha' along a road, 'Antiga Fazenda do' near a field, and 'Meneses (940)' at the bottom left. A river is visible in the upper left corner.

XI

Carreje de Pintinha

Antiga Fazenda do

Meneses
(940)

LIBERDADE PARA A EXERCÍCIO

O PODER DA MULTIDÃO
CONTRA A COLONIZAÇÃO DO PENSAMENTO
CONTRA A PRIVATIZAÇÃO DA VIDA

ISBN 978-85-66129-15-1



9 788566 129151



Invisíveis
Produções